

Civilidade e covardia

Há cerca de um mês, alguns cientistas, artistas e intelectuais de São Paulo vêm sendo ameaçados por um grupo de extrema direita que se auto-intitula nazista. Procurada pelas vítimas dessa ação terrorista, a Comissão de Justiça e Paz encaminhou a questão ao secretário de Segurança.

Já se disse que a direita, no Brasil, não tem rosto. Não tem a coragem de suas idéias, nem assume publicamente suas posições. Desde os tempos do integralismo que a direita não enfrenta a luz do dia com sua verdadeira face, limitando-se a insuflar em surdina os setores duros do regime ou a emprestar suas bandeiras à ação provocadora de agentes ilegais paralelos aos órgãos de repressão.

É quase natural que, rompida a crosta de arbítrio do regime autoritário, onde sempre viceja, a extrema direita volte a mostrar os dentes. Pois, uma vez restaurada, ainda que em parte, a movimentação que é o sinal de vida das sociedades democráticas, a extrema direita se sente ameaçada, pois convive melhor com a paz dos cemitérios.

Não se trata de desqualificar as idéias de direita em geral, nem de propor sua exclusão do cenário político brasileiro,

mesmo porque elas não dependem da vontade de indivíduos, mas têm base social. A direita vive nas camadas sociais cujos interesses perdem viabilidade e cujo espaço político diminui com o avanço dos demais setores da sociedade.

O que fere a consciência pública são as ações mesquinhas e aviltantes, os telefonemas sórdidos, os ataques a mulheres e crianças, as investidas na calada da noite. A direita civilizada, aquela que assume a coragem de seus interesses, é bem-vinda ao convívio político da sociedade. Pode-se tolerar o disparate que engloba, num mesmo pensamento ideológico, o racismo, o anticomunismo, o antiintelectualismo, o ódio ao renome conquistado pelo trabalho de cientistas, artistas e intelectuais que não comungam de suas idéias. Mas não se pode nem se deve tolerar o terrorismo covarde e secreto contra pessoas indefesas.

E indefesas é bem o termo. Por razões conhecidas, e sobre as quais a "Folha" tem-se pronunciado frequentemente, as vítimas desse e de outros tipos de terror não se sentem protegidas pelas autoridades encarregadas de sua segurança. E nada mais deplorável que a falta de confiança do cidadão no Estado.

Teremos Ku-Klux-Klan?

Mesmo com essa reformulação partidária que é um acinte para a Nação, a pequena abertura que se conseguiu tem servido pelo menos para que as pessoas olhem para cima e respirem fundo. Aos poucos o povo vai conquistando seus direitos esbulhados, a imprensa vai publicando o que pode, os jornalistas perdem o medo, as pessoas passam a conviver entre si como em qualquer nação democrática. É possível que os complementos desse estado de graça venham com o tempo, se maus ventos não soprarem de bandas sabidas e consabidas.

É verdade que muitas altas autoridades ligadas umbilicalmente aos idos de março de 64 resistem o que podem, embora se mantenham disciplinadas por força de suas atividades profissionais e porque temem dar o primeiro passo, o qual bem que poderia ser dado em falso, a exemplo do que vimos recentemente na Argentina, com o general Menendez. Mas se não dão o primeiro passo, sorriem satisfeitas sempre que alguém, no anonimato, puxa as brasas que gostariam de ver no inferno de terceiros. Ou, no caso, no inferno em que este País poderia transformar-se.

Exemplo disso temos em São Paulo, com o retorno das atividades neonazistas, ameaçando céus e terras, na tentativa esmerada de virar a mesa e fazer com que este País retorne aos tempos em que as pessoas desapareciam ou simplesmente eram mortas "enquanto resistiam à prisão". Ainda leremos muita coisa a esse respeito e muitos nomes ainda sairão em letra de forma assim que o tempo for sendo vencido e muitos daqueles que têm os dedos quebrados

Porto Alegre

possam bater nas teclas de uma máquina qualquer.

A mulher do físico Mário Schemberg já paga a sua quota ao barbarismo, quando foi sequestrada na porta de sua própria casa por dois rapazes fanáticos. Outros intelectuais passaram a sofrer ameaças e ao que tudo indica a onda se avolumará e nestes casos não se poderá esperar que a polícia desvende nada. No Rio Grande os crimes praticados pela polícia são por ela mesma investigados e os resultados, todos sabemos, em geral não chegam a nada. Veja-se o caso do sequestro dos uruguaios, que é o mais grave dos últimos tempos. O outro caso famoso é o do sargento das mãos amarradas, até hoje está para ser desvendado, mas um dos acusados de policiais está preso no Rio, à disposição das autoridades militares, sob suspeita de loucura.

A onda de ameaças em São Paulo deverá prosseguir, quem sabe até aumentando de intensidade. O remédio será as próprias pessoas ameaçadas organizarem sua defesa objetivando apanhar pelo menos um desses terroristas. A partir dele, chegaremos a nomes e organizações. Essa gente, todos sabemos, não resiste a um interrogatório de meia hora. Esperar que a polícia ou as nossas forças de segurança ponham a mão nessa caterva seria muito otimismo. No fundo, há muita gente contra a abertura. J. G.